



## ***On the road again...: um outro olhar ao viajar nos anos 1950***<sup>1</sup>

Susana de Araújo Gastal

Cecília Seibel da Costa

### **Resumo**

A segunda metade do século xx foi marcada por importantes desdobramentos no campo sócio-econômico, inclusive em termos de turismo, decorrentes do final da segunda guerra mundial. A economia modificou-se significativamente, assim como as estruturas sociais e culturais. A literatura acadêmica (Boyer, 2003) consagra o período como marcado pelo turismo de massa, praticamente desconhecendo outras possibilidades de exercício da viagem. Entretanto, os anos 1950 vêm emergir a denominada *geração beat*, vivendo de uma maneira alternativa ao sistema vigente, inclusive na forma de viajar. Enquanto na *main stream* consolidava-se o dito turismo de massa, os *beats* puseram o pé na estrada, com suas mochilas, seus livros e seus amigos. Nos anos 1960 e subseqüentes, outras gerações manterão o espírito *on the road*, que passará a ser mais conhecido como *turismo mochileiro*. O artigo analisa a questão a partir do livro **on the road**, de Jack Kerouac, encaminhando o movimento beat como uma outra face, não hegemônica, por menos comercial, do viajar nas décadas de 1950/1960.

**Palavras-Chave:** Turismo; Turismo de Massa; Turismo Mochileiro; Geração Beat.

### **1 Introdução**

A década de 1950, um período de pós-guerra, enquanto a economia se modificava apresentando um importante momento de crescimento, houve também mudanças significativas no desenvolvimento do Turismo. O principal efeito seria a sua massificação, ou seja, a colocação no mercado de *pacotes turístico*, formatados segundo os pressupostos de uma economia fordista de escala, na qual apenas haveria lucro se os produtos fossem padronizados e comercializados grandes volumes. Este Turismo é objeto de muitas críticas pelos impactos ocasionados, mas as mesmas têm possibilitado, não raro, uma teorização que, acompanhando a sua crítica a tal sistema, encaminha uma análise muito consistente do fenômeno.

---

1 Trabalho apresentado ao GT – Outras Interfaces do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo.



Nestes termos, procurando avançar teoricamente na reflexão, o presente artigo busca mostrar que na mesma década 1950, em paralelo ao turismo de massa, outros segmentos turísticos desenvolveram-se, entre eles o hoje denominado *turismo de mochila*, mas que, ontem como hoje, também conhecido pela expressão que o consagrou como alternativa ao grande mercado comercial: o *on the road*. Estar na estrada, sem lenço, sem documento e, em muitos casos, sem dinheiro, foi uma tendência na contra-mão do turismo massificado; tinha como apelo principal a liberdade, não só em relação ao deslocamento, mas também como possibilidade de afrontar um sistema econômico (que iria se mobilizar em torno do turismo de massa), que levaria as pessoas, na sua ótica, ao aprisionamento aos bens materiais.

O artigo apresenta os dois segmentos turísticos que se desenvolveram em simultâneo na década de 1950, para avaliar suas oposições mas também as suas aproximações como, talvez, duas faces de uma mesma moeda, colocando como questão: afinal, qual seria esta moeda? Para tal, realiza-se um resgate histórico do Turismo na década de 1950, mostrando, por um lado, a sua massificação e, na contra-face, o turismo de mochila na lógica do *on the road*, no contexto do movimento social conhecido como Geração Beat, que antecedeu às grandes mudanças sociais que marcariam a década de 1960. A Geração Beat cruzou os Estados Unidos, utilizando-se de hospedagem e transporte alternativos. Se hoje a Geração Beat se dissolveu, o *on the road* continua presente, haja visto filmes como Diários de Motocicleta, do diretor Walter Salles, que se constrói a partir do mesmos ideais, então consagrados, aos quais Boyer (2003) denomina como *aqueles que viajam leve*.

## 2 Os anos 1950

O contexto social, econômico e cultural ocasiona reflexos rápidos e diretos sobre a atividade turística. Alterações econômicas assim como catástrofes naturais, mudanças de comportamentos ou de padrões de consumo, entre outros, serão acompanhados de alterações nas formas mais específicas de desfrute das viagens.

Nos anos posteriores à Segunda Guerra Mundial, os países ditos *desenvolvidos* passaram por um momento de grande avanço tecnológico e econômico. A *era de ouro*, como ficou conhecido o período, teria sido um fenômeno mundial, no qual houve crescimento industrial e, em decorrência, o maior consumo de produtos manufaturados. Mobilizadas como



forças auxiliares no esforço de guerra, terminado o conflito as mulheres não só se mantiveram no mercado de trabalho, como buscaram um espaço maior de atuação profissional. Ato contínuo, alteram-se as relações dentro do casamento e da família. Houve, ainda, o aumento da procura por os bens e serviços, muitos deles antes considerados como artigos de luxo, que agora passam a estar ao alcance de maior número de pessoas. Ocorre um crescimento dos negócios no âmbito internacional e na renda da população (HOBSBAWN, 2002).

Com tantas características positivas, não por acaso, o período será adjetivado como *anos dourados*. A economia giraria em torno de um círculo, no qual a tecnologia permite novos produtos, que ampliam o consumo que, por sua vez, realimenta o crescimento tecnológico. Maior consumo, mais empregos, maior renda, levando a maior produção e assim sucessivamente. Mas nem tudo, no período, foi *ouro*. Ao mesmo tempo que houve a expansão econômica, o mundo passaria por um momento delicado, dividido em dois modelos econômicos: o bloco capitalista, liderado pelos Estados Unidos, e o bloco socialista, liderado pela antiga União Soviética. Essa divisão gerou um atrito entre as duas potências, que almejavam um maior hegemonia geopolítica, pois o domínio territorial geraria maior poder para cada um dos blocos econômicos (HOBSBAWN, 2002).

Um confronto direto em as superpotências não chegou a acontecer, mas vários conflitos ocorreram como consequência deste choque de interesses, em continentes como a Ásia, África e a América, entre eles a Guerra da Coreia (1951), a Guerra do Vietnã (1954) e a Guerra da China (1969). A Guerra Fria, como ficaram conhecidos os constantes choques de interesse ocorridos, fez com que muitas populações vivessem em tensão pois, ao mesmo tempo em que havia uma certa certeza na maioria da regiões sobre a não repetição de um novo grande conflito bélico, as lideranças políticas e de governo usavam os traumas coletivos em relação a guerra como fator de ameaça a oponentes interno e externos.

Nos Estados Unidos, em especial, a década de 1950 foi um sinônimo de prosperidade e avanço econômico, tornando o país emblemático dos *anos dourados*, marcando nível de vida mas, também, estilos de vida, o *american way of life*. Este estilo de vida consistia no discurso sobre vida perfeita, com uma casa grande nos subúrbios, cercada por gramados, onde viveria uma família ideal, formada por esposa e filhos. As distâncias exigiam carros na garagem, e, entre os bens de consumo, destacar-se-ia a televisão. Este modelo será alimentado em Hollywood e projetado nas telas dos cinemas em todos os recantos do mundo. Todos os países que tinham condições de se adequar e se nivelar à economia modelo do sistema



industrial, no início do século XX, o fizeram sob esta lógica hollywoodiana, em processos que incentivaram a expansão generalizada do sistema capitalista.

A difusão deste estilo de vida nos países periféricos funcionou como uma verdadeira invasão cultural, feita através da publicidade, de livros, revistas mas, em especial, pelo cinema. Os anos 1950 demarcam outra importante alteração da economia, quando às mercadorias propriamente ditas, será agregado valor simbólico. No mercado, os bens materiais e os bens simbólicos disputam espaço nos corações e mentes. Os bens de consumo, antes limitados a pequenas minorias, agora são produzidos em série, o que os tornava acessíveis a faixas alargadas da população.

Em termos de Turismo, Marc Boyer (2003) destaca que o desenvolvimento da atividade se dá, em muito, em função, em simultâneo ao crescimento dos meios de comunicação de massa, que, aliás, se consolidam na década de 1950, colocando novos *valores simbólicos* para a sociedade, mas também, em muitos casos, resgatando ou ressignificando imaginários tradicionais. Associado à indústria cultural, para Boyer, o turismo se consolidaria, em especial, resgatando imaginários de viagens estabelecidos em outras épocas, e não a partir de valores novos ou inovadores:

O turismo do século 20, turismo de grande número, não engendrou realmente um novo discurso, ou renovou a visão de mundo. Ele reforçou o esquema de desenvolvimento turístico com suas três fases: invenção de distinção – difusão e apropriação de modelos por camadas inferiores – em seguida novas invenções de distinção. Quanto mais forte é a imitação, maior é a necessidade de inovar – como na moda; a analogia impõe-se. De elite ou de massa, o turismo lança o mesmo desafio a todos os agentes e locais de turismo; para eles, a questão é conservar e reforçar posições em um campo flutuante em que nada estão definitivamente adquirido (estabelecido) (BOYER, 2003, p.63).

Boyer (2003, p. 71) ainda destaca que, em paralelo ao turismo de massa, o século XX também mantém a tradição do que ele denomina como *aqueles que viajam leve*:

A pé ou a cavalo, interessado pela História da Arte e pela Arte, amante da Natureza, muitos destes viajantes eram e queriam ser livres. Independentes ou quase, em relação aos meios de viagem – transporte e hospedagem – eles viajavam sempre leve, quase sem bagagem. No fim do século 20, ao se tornarem massas, estes andarilhos ou cicloturistas, turistas equestres, mochileiros (...) sentem-se herdeiros de Montaigne e de Rousseau.

Poderia-se acrescentar que os atuais mochileiros seriam, principalmente, herdeiros de Kerouac e da *geração beat*.



### **3 A on the road**

Se o *american way of life* se impõe a sociedade ocidental nos anos 1950, reações contra este novo modelo surgiram quase em simultâneo. Um dos movimentos de reação mais conhecidos, pela repercussão que teve nas décadas seguintes e pelo ineditismo que significou quando do seu surgimento, foi o *Movimento Beat*. Formado por um grupo de jovens, de classe média, universitários, em sua maioria escritores, poetas e músicos, eles se opuseram a esse estilo de vida, que incentivaria o consumo deletério e a adesão às novas tecnologias, e buscariam alternativas de auto-expressão e de expressão cultural. Seus textos eram apresentados de uma maneira nova e arrojada em termos de forma e conteúdo, o que era desafiador pela época, pois introduziam uma linguagem coloquial e um tratamento duro a questões sociais como a marginalidade e, entre outras, o uso de drogas. Sua versão musical será o rock n' roll.

O termo *beatnik* foi introduzido por Jack Kerouac por volta de 1948, para indicar a ele e seus amigos, como parte do mundo de uma juventude anticonformista que se reunia em Nova York (registre-se que a produção cinematográfica teria seu centro em Los Angeles, na costa oeste). A expressão *beat*, em princípio, tinha uma conotação negativa, significando algo como *cansado*; mas Kerouac transformou o termo em algo positivo, referindo-se a ela como *upbeat*, *beatific* (beatificar) e também a associou a expressão musical *on the beat* (estar na batida). Dizer que este grupo de escritores, estudantes e, em muitos casos, tóxico-dependentes, formaria uma *geração*, demonstra como os mesmos seriam representativos e importantes, o começo de uma nova tendência, que se antepunha a um *way of life* idealizado e escapista, reforçado pela indústria cultural.

Assim como nas suas vivências diárias e rotineiras, os *beats* também procuraram uma nova maneira de comportar-se nas viagens, que, aliás, voltam a ter caráter de ritual de formação. Num momento em que o Turismo se massificava, e começavam a se popularizar os pacotes turísticos para os destinos *clássicos* (velhos destinos ressignificados), os *beats* procuraram formas alternativa de viagem ou, como preferiam, de *estar na estrada*. Eles viajavam com pouco pouca ou nenhuma bagagem, quase sem dinheiro e utilizando formas baratas de hospedagem e transporte. Uma das viagens realizada por este grupo foi registrada em uma obra de Jack Kerouac, um dos principais mentores da *Geração*. O livro intitulado **On**



**the Road** tornou Kerouac popular nos Estados Unidos e exterior, além de leitura obrigatória dos jovens dos anos 1950.

Jack Kerouac era escritor, novelista, poeta de textos em sua maioria autobiográficos, que narram suas viagens e aventuras nas estradas americanas e suas reflexões sobre as coisas do mundo. Seus textos refletem um profundo desejo de se libertar de padrões estabelecidos pelo *american way of life* da sociedade norte-americana e de encontrar um novo sentido de vida. Inconformados, criticam a moral e a racionalidade de vida pré-estabelecida. Buscam libertar seus instintos e instigar as demais pessoas a fazer o mesmo, causando enorme impacto social, que repercutirá nas décadas seguintes em diferentes movimentos sociais da juventude. Escreviam sobre a liberdade e sobre formas de vida em que ela fosse o eixo organizador.

O livro **On the Road**, em português **Pé na Estrada**, conta a história de Sal – um dos pseudônimos usados pelo autor - um rapaz na faixa dos vinte anos, escritor, de classe média, que viaja pelos Estados Unidos de carona ou como passageiro clandestino em trens de carga; carrega apenas uma mochila nas costas e pouquíssimo dinheiro. O livro foi escrito durante sua juventude, nos anos de 1940, e é inteiramente baseado em suas experiências de vida, seus diários e anotações; o sucesso editorial, entretanto, só virá na década seguinte.

O ideário da geração beat influencia os anos posteriores, às décadas seguintes, ao propugnar, em especial, liberdade de expressão e de deslocamento, além de retomar a viagem como importante ritual de formação. Um exemplo dessa influencia seria o filme de Walter Salles, *Diários de Motocicleta*, que mantém e reforça o ideário. O filme *Diários de Motocicleta*, rodado em 2004, baseia-se nos diários e relatos de Ernesto Che Guevara e Alberto Granado, então estudantes de Medicina, antes que o primeiro se tornasse um guerrilheiro reconhecido mundialmente por sua luta pela liberdade de povos, em especial da América. Durante a viagem realizada por países latino-americanos, os dois mantiveram contato direto com os povos e as culturas visitadas, passando a perceber e sentir o continente americano de uma forma diferenciada e mais humana.

Guevara e Granado, aos 23 anos, saem de Buenos Aires, na Argentina, e vão até a Península de Guajira, na Venezuela. Toda viagem seria realizada com pouquíssima bagagem e tendo uma motocicleta como meio de transporte. Aliás, a história narrada também se passa na década de 1950, a mesma época das viagens de Kerouac e da publicação do seu primeiro



livro. O filme, entretanto, atualiza a questão sob o olhar do século XXI, mostrando a força e a permanência nos signos associados às viagens como liberdade, libertação e crescimento pessoal.

Analisando o livro de Kerouac e o filme de Salles nota-se que as motivações do personagem para a realização da viagem são extremamente emocionais. No livro, o personagem de Sal pretende ir ao Oeste em busca de amigos, como Dean – que lembrava seu irmão esquecido – e porque ele queria sair da Nova Iorque e se afastar dos amigos que lá moravam, constantemente preocupados em combater o sistema. Ao contrário de seus amigos nova-iorquinos, ele resolve deixar de apenas teorizar sobre soluções e decide *pegar a estrada*. Outro ponto importante é que o autor, em nenhum momento, especifica, por exemplo, que meio de transporte irá usar para fazer o percurso; ele simplesmente dá a dica que em algum momento, talvez, ele tenha que usar de caronas para chegar até o local desejado.

No filme Diários de Motocicleta já é diferente. Eles possuem um meio de transporte próprio e definido para o início da viagem, com o qual pretendem percorrer todo o circuito proposto. No filme, é dada uma introdução sobre a viagem, o motivo, o transporte e o circuito. Ao mesmo tempo em que algumas características são retratadas de maneira diferente, as motivações permanecem as mesmas. O desejo de conhecer algo novo, a paixão pela estrada, a improvisação como forma de vencer obstáculos que possivelmente surgiriam no caminho. Nos dois casos, a falta de dinheiro e pouca bagagem são fatores determinantes da maneira de viajar. No livro, assim como no filme, o circuito é descrito com certos detalhes. Isso talvez, para mexer mais com o imaginário do espectador que tende a ficar encantado e excitado com a idéia da viagem.

Durante toda a narração, Kerouac utiliza expressões do tipo, *vagabundear* e *cair fora*, que indicariam um movimento; a narrativa é rápida, dando a sensação de que tudo aconteceria em desdobramentos simultâneos e que seria proibido parar. O escritor não dá atenção a pequenos detalhes e se concentra em dar seqüência aos acontecimentos, que parecem desenfreados. Esta rapidez não está presente no filme de Walter Salles. A maneira que o diretor utiliza para narrar a história dá maior ênfase a fatores históricos e locais do que uma demonstração de movimento constante.

Nas duas histórias, um fato relevante é o aprendizado e a mudança de caráter sofrida pelos principais personagens, que modificam seus modos de vida. Há um escritor num caso e



jovens médicos no outro, mas ambos têm muitas ambições e viajam em busca de aventuras, ao lado de amigos. No percurso encontram uma outra América, descoberta que muda o rumo de suas vidas. No decorrer das narrações, é feita relações com os valores da época – seja, pegando carona com um *playboy* e seu carro do ano, ou com um fazendeiro rico que tagarela sobre suas conquistas, ou então se encontrando com um povo sofrido e miserável e sem *progresso*, com a falta de empregos, vítimas do desenvolvimento desordenado do capitalismo. No final, a volta a cidade de origem significa a continuidade da vida.

O filme e o livro relatam histórias de personagens caracteristicamente diferentes, vivendo em realidades distintas, mas, ao mesmo tempo, com sonhos e desejos similares. A vontade de conhecer lugares, por eles ainda não explorados, conviver com novas pessoas, atravessar continentes; com a mesma fórmula de viagem, um companheiro amigo, pouco dinheiro, pouca experiência, utilizando transporte e hospedagens baratas. As duas histórias se passam na mesma época, na década de 1950, quando o mundo passava por uma série de mudanças sócio-político-econômicas. Num caso, o olhar do momento percorre a narrativa, no outro, a releitura posterior, atualizando as questões.

Diferença significativa, o livro foca também um lado mais obscuro dos personagens relacionados a drogas, sexo e rock n' roll. O que demonstra uma tentativa de quebra de barreiras. Esse tipo de tentativa não acontece no filme, mais fiel ao percurso propriamente e às modificações interiores dos personagens no contanto com diferentes realidades, para eles, desconhecida. Isso por que as necessidades de cada época serão diferenciadas. Para atingir o público desejado, era preciso contar as histórias de maneiras distintas, afinal, o *way of life* não é mais o mesmo.

Se o ideário de liberdade e da viagem como ritual de transformação permanece nas duas narrativas, o estilo de viagem adotado pelos *beatniks* e mantido na viagem de motocicleta estará presente também no que agora é denominado como Turismo de Mochila. Apesar dos estilos de viagens serem parecidos, usando o mesmo tipo de transporte e hospedagem, as motivações e expectativas seriam diferentes. Hoje, o Turismo de Mochila é uma atividade mais organizada; mesmo que procure se manter longe do mercado capitalista, não deixa de ser um produto no mercado.

Segundo as teorias do Turismo, o turista de mochila procuraria manter-se durante o período da viagem o mais perto possível da população local, tentando aprender e absorver a cultura da região, através de experiências vivenciadas junto aos habitantes. Experiências essas



que ocorreriam quando os turistas utilizam os mesmos meios de transporte, restaurantes, áreas de lazer e de recreação do morador; inclusive utilizando hospedagens alternativas, como ficar em casa de família ou albergues que possibilitem maior contato com os locais.

Como o desenvolvimento de novas tecnologias, o avanço dos meios de comunicação e de transportes, o segmento turístico denominado como de Massa cresceu de maneira significativa. Contraponto, o Turismo de Mochila continua ganhando espaço pela mesma procura por novas formas de vida alternativas ao sistema hegemônico. Pode-se dizer, também, que o que motivou os grupo jovens, nos anos 1950, foram os fatos sociais, as guerras, a insatisfação frente a economia da época, os conflitos. Mas como registra o **On the Road**, apesar do mesmo estilo, era, ou ainda é, uma atividade diferenciada do Turismo de Mochila, sendo mais pesada e anárquica.

#### 4 Encaminhamentos finais

Se hoje, por Turismo, se prossegue compreendendo a viagem enquanto um produto formatado para comercialização no mercado, o viajar se desenvolveu há muitos séculos pelas mais diversas razões: lazer, tratamento médico, educação. Mas, também, a viagem seria o ritual que faria Homem, o filho varão das elites do momento. Estes deslocamentos, dos que viajam leve, precisaria, necessariamente, cercar-se uma liberdade que estaria presente, por exemplo, nas muitas normas e condicionamentos do turismo de massa.

O turismo de massa afetaria justamente isto nos deslocamentos: o imaginário de liberdade. A liberdade propugnada pela Geração Beat estaria não só no exercício do ir e vir, mas na própria constituição de espaços de auto-expressão, liberados de injunções familiares, culturais ou sociais: é preciso *cair fora*.

Nos anos 1950 o automóvel começava a se consolidar como o veículo do exercício da liberdade. Mas, a estrada já seria o espaço por excelência, onde a liberdade poderia ser exercida. Portanto, os beats podem se por na estrada mesmo que haja não o carro, mas a carona em trens e caminhões. Esta circunstância será uma recorrência na produção literária e fílmica dos anos seguintes, sendo o filme *Diários da Motocicleta* apenas um exemplo. Ao mesmo tempo, é cada vez maior o número de jovens que optam pelo viajar leve, infelizmente transformando também esta opção em um segmento de mercado.



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

O que o presente artigo procurou apresentar, em primeiro lugar, é que os anos 1950 não seriam marcados apenas pela presença do turismo de massa e pela extrema comercialização da viagem, mas que outras formas de viajar, do estar *on the road*, estariam presentes já neste momento, mantendo vivo o sentimento que leva a que a viagem não deixe de ser um ritual de passagem e que o que se espera deste ritual para que seja fonte de aprendizado e crescimento, é o que tem sido denominado como *liberdade*.

#### Referência

BOYER, Marc. **História do turismo de massa**. Bauru: Edusc, 2003.

HOBBSAWN, E. **Era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KEROUAC, Jack. **Pé na estrada**. Porto Alegre: L&PM, 1997.